

**Resumo:** A presente investigação procura elucidar na literatura sagrada cristã, de modo particular em Ap 13,1-10, o processo de construção de sentido desenvolvido pelas primeiras comunidades cristãs. O ser humano, em diversas realidades e momentos históricos, busca um sentido para si e para o mundo, pois todos estão fundados em bases frágeis que por vezes são ameaçadas de ruir. A invasão de outro quadro simbólico pode remeter ao medo de desestruturação da cultura local e, assim, da própria identidade. A forma de expressão dessa realidade vem pela linguagem mitológica, pois ela é capaz de comportar os valores emocionais daquela vivência. Evidencia, assim, que a literatura sagrada pode ser um mecanismo útil e estruturante para o ser humano.

**Palavras-chave:** Literatura sagrada; Sentido; Apocalipse.

## Introdução

O Livro do Apocalipse da Bíblia cristã pode causar estranheza para aqueles que o leem. Mas as coisas fantásticas narradas são um estilo literário chamado *gênero apocalíptico*, usado pela tradição judaica e posteriormente pelos cristãos primitivos em momentos de grandes conflitos. Sua característica também é o estilo profético, pois denuncia o que está acontecendo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: ed.matias@gmail.com.

Nesse tipo de escrito não podemos entender tudo literalmente como fatos históricos. As imagens e acontecimentos são expressões metafóricas e simbólicas da realidade. Outro livro da Bíblia no mesmo estilo literário é o do profeta Daniel, narrativa que faz parte do Antigo Testamento da Bíblia cristã.

O Apocalipse é atribuído a João, discípulo de Jesus. Entretanto, por mais que traga em si algumas composições semelhantes dos escritos ditos joaninos, fica difícil confirmar tal hipótese. A maioria dos estudiosos o atribui ao estilo joanino, ou seja, pode ter sido escrito por alguém do círculo do evangelista.

Também existem dúvidas sobre a data de composição do texto. Sabe-se que foi composto em uma época de grande perseguição às primeiras comunidades. Normalmente, os estudiosos estabelecem a composição deste livro, ou parte dele, no tempo do imperador Domiciano (81-96 d.C.) e até mesmo no período de Nero (54-68 d.C.). Seja qual for o período do texto, o que fica evidente para os estudiosos é a perseguição realizada por Roma aos cristãos, ou pelo menos a muitas comunidades nascentes.

A perseguição realizada por Roma foi extremamente forte e violenta. Os revoltosos, aqueles que não aderiam à *Pax Romana*, deixando de pagar os impostos (moeda ou alimentos), não aderindo ao culto ao imperador – sinal de revolta contra a ordem estabelecida –, eram brutalmente assassinados. Não havia piedade para os “criminosos” do Império. “A extrema crueldade e violência da repressão romana, sem nenhuma piedade, acentuaram no povo o sentimento de total impotência diante do poder do Império” (Mesters; Orofino, 2001, p. 73).

Mesmo assim, por muito tempo, os judeus, em sua prática religiosa, tinham a autorização de Roma para praticar seus ritos, desde que ofertassem ao imperador ou fizessem libações em sua homenagem. A rejeição dessa imposição gerou diversas revoltas por parte dos judeus, levando à destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Lembremos que Jesus nasce e desenvolve sua pregação nesse ambiente hostil. A região estava dominada pelos romanos. Jesus e seus seguidores viviam sobre a tutela do inimigo. Além da religião injusta, que se tornou parte do Judaísmo da época, a dominação do Império intensificava o clima hostil. Existia uma guerra fria e por vezes concreta entre judeus e Roma que a qualquer momento podia explodir, pois a religião judaica tinha em seu bojo o mito da libertação de Israel.

Diante da realidade de opressão, os israelitas não podiam expressar sua identidade, estavam subjogados, deveriam continuar obedecendo a Roma sem questionamento. Mesmo quando a imagem da águia ou do imperador era introduzida na cidade ou no templo para ser venerada.

Prestar culto ao imperador ou reverenciar os símbolos de Roma era trair o próprio mito que marcava e constituía a identidade do povo. A cada investida dos imperadores na região pairava violência física e simbólica sobre aquela minoria dentro do Império.

As erupções de revoltosos na Palestina eram constantes, pois o inimigo – aquele que vem de fora com sua simbologia – destrói a cultura local. E tal destruição não é apenas material, mas também simbólica. Percebemos, assim, que dois “imaginários” (Ruiz, 2004) se digladiavam: a expansão romana e a libertação de Israel.

## Construção de sentido

Os judeus utilizavam sua literatura sagrada – a história da libertação de Israel, a figura de Moisés, os profetas etc. – para salvaguardar sua memória. Buscavam no passado, e muitas vezes não em fatos reais, mas “reais” como verdades valorativas, para a construção da identidade daquele povo. Ou pelo menos mantê-la, apesar de tantos dominadores dentro de sua história.

Diante das dificuldades encontradas na construção ou manutenção de uma cultura e, assim, da própria identidade, os mitos podem perder sua força transformadora. Este é o momento de crise. Quando isso ocorre, aparecem os profetas, líderes religiosos para ressignificarem as histórias sagradas. A mensagem de Jesus e de seus discípulos surge em um clima cultural favorável a esse processo. A situação de instabilidade era intensa. A prática religiosa judaica não respondia mais às necessidades do povo, os deuses da cultura greco-romana vinham de outra realidade, ocorrendo mais uma violência simbólica do que uma adesão espontânea. Assim, existiu a possibilidade de nascimento de uma “nova” história fantástica’. Em momentos de desestabilidade total nasce no homem nova linguagem, ou seja, a “dissonância cognitiva”, emocional e cultural deve ser sanada.

Quando o substrato de uma cultura – a mitologia – entra em crise, toda ela desestabiliza. Nesse momento, o ser humano, em sua identidade, também corre o risco de

fragmentar-se. A seita que nasce dentro do Judaísmo – o Cristianismo – fala sobre essa “dissonância cultural” e, assim, tenta restabelecer a identidade “sagrada” daquele povo.

Lembremos que a religião judaica da época estava muito atrelada ao Império. Logo, ela acabava repetindo a postura de Roma, caso contrário sofreria as consequências. Pode-se dizer que a religião, que funciona como um catalisador de sentido, tinha perdido sua eficácia para parte daquele povo. Principalmente aqueles que eram excluídos de sua prática. Existia um clima de desidentificação crescente. Nesse momento surge a mensagem de Jesus e seus discípulos. Há uma releitura e a possibilidade de construção de novos significados, sanando a dissonância presente na identidade cultural.

## A perseguição aos cristãos

No Cristianismo primitivo, a resistência de incorporação da cultura romana pelas comunidades nascentes gerou conflitos intensos. A literatura sagrada cristã tem como exemplo significativo o Livro do Apocalipse. Como vimos, o livro foi escrito por volta da década de 90 do século I. Supõe-se que o autor seja do círculo de João, um dos discípulos de Jesus. O contexto é de intensa perseguição. O imperador Domiciano havia-se proclamado deus. Segundo os historiadores, João foi exilado na ilha de Patmos. A ilha se assemelhava a uma “Alcatraz” romana. Ali João escreve seu texto.

Em momentos de crise, e este parece ser um período significativo, o ser humano procura encontrar seu equilíbrio, pois “a existência humana é um contínuo ‘pôr-se em equilíbrio’ do homem com seu corpo, do homem com seu mundo” (Berger, 1989, p. 18). Tanto cultural como individual. A paz almejada é alcançar esse equilíbrio. “João” estava preso, distante de sua casa e do continente. O que dizer nesse momento de intensos sentimentos (medo, solidão, revolta, angústia etc.)? Certamente, aquilo que é mais valioso, valoroso, aquilo que o mantém vivo como pessoa. E o que ele sente é semelhante ao que seu povo sente, e está de forma mais intensificada por causa de sua situação. Logo, o Apocalipse e sua literatura funcionam como um amplificador dos acontecimentos.

Somente pode surgir da situação descrita uma linguagem carregada de valores, sentimentos, emoções e construções significativas que mantenha a estabilidade do ser humano, ou seja, de João. Como indivíduo e como cultura. Perder a cultura é perder-se. A religião, neste caso sua literatura, pode “um sentimento de segurança neste mundo e uma

confiança de que, no final, porém, tudo ficará bem ou poderia ficar bem”. (Theissen, 2009, p. 22). Nasce a descrição fantástica que encontramos no Livro do Apocalipse, especialmente no capítulo 13,1-10.

## As figuras e a construção de sentido

As figuras nascidas no texto são fortes e praticamente impossíveis de ser imaginadas se tentássemos desenhá-las. Essa “linguagem simbólica é um dos aspectos mais específicos da literatura apocalíptica e contribui para convertê-la em literatura cifrada” (Tuñí; Alegre, 1999, p. 196).

O texto codificado funciona como símbolo. Sabemos que o símbolo “não atribui algo conhecido. É intuição do desconhecido” (Croatto, 2004, p. 92). Perante a situação de perseguição violenta e implacável do Império Romano, os cristãos não veem saída. A dissonância emocional, cognitiva e cultural é tão acentuada que somente figuras, imagens, representações de animais, seres alados, tentam conter em si toda a emoção vivenciada e transpô-la para ser comunicada. Tal linguagem simbólica possibilita a reinterpretação dos que têm acesso ao texto. Dessa forma, o símbolo está aberto e “significa algo além de seu próprio sentido primário” (Croatto, 2004, p. 87). Ele possibilita a cada um reinterpretar o potencial simbólico. Desfaz-se a dissonância e nascem novos significados.

São várias as figuras presentes no texto:

- animais: “besta”, “pantera”, “leão”, “urso”, “dragão”;
- elementos da natureza: o “mar”;
- objetos e parte do corpo representando poder e realeza: “pés”, “cabeça”, “chifres” e o “diadema”.

Em todos eles o autor tenta relacionar o poder, a força do Império Romano a esses animais (seres alados), objetos e elementos da natureza. Entretanto, não significa apenas uma metáfora. Como se disséssemos que a força de Roma é igual a um leão feroz. Mas a conjunção dos significados gera outra rede de sentido. A mitologia que está no substrato desse escritor, dessas comunidades, é que dá o tom do discurso. “O que na Antiguidade se chamou ‘espíritos’, ‘anjos’ ou ‘demônios’ eram entidades atuais, só que elas não estavam

pairando no ar. Esses poderes estavam encarnados em celulose, em cimento, ou pele e osso, ou no império, ou em seus exércitos mercenários” (Friedrich, 2002, p. 104).

A salvação está para além dessas perseguições. O salvador – mito historicizado – “ressuscitou” e deu novo significado ao mundo. Logo, nenhum mal poderá tirar o que foi estabelecido por Jesus. Ninguém pode matar a experiência religiosa que deu significado a esse povo. A morte pode, contrariamente, tomar novo significado e tornar-se mesmo uma alegria. Em outras palavras: a mitologia subjacente na religião judaica, da libertação do povo, também permeia o substrato do imaginário religioso das comunidades cristãs primitivas. E ganha em Jesus sua expressão máxima, pois em profunda dissonância cultural a saída encontrada é assumir o projeto religioso até a morte. O rebaixamento se torna elevação celeste.

Ap 13,10 mostra bem a situação sem saída em que se encontravam as comunidades: “Se alguém está destinado à prisão, à prisão irá. Se alguém deve morrer pela espada, pela espada tem de morrer. Aqui está a constância e a fidelidade dos santos”.

A certeza destrutiva do poderio romano presente nesse versículo advém do “[...] trauma que ficou da destruição de Jerusalém; provocou em ambos, judeus e cristãos, uma revisão e uma reorganização generalizada, cujo reflexo perpassa tanto os livros cristãos do NT como os da tradição judaica, escritos depois de 70 d.C.” (Mesters; Orofino, 2001, p. 74).

Percebemos que a religião cristã e sua literatura sagrada proporcionam

um sentimento de segurança neste mundo e uma confiança de que, no final, porém, tudo ficará bem ou poderia ficar bem. Precisamente por esse motivo, ela ocupa-se das situações-limite, quando essa confiança é ameaçada e abalada: na angústia, na tristeza, na culpa e no fracasso. (Theissen, 2009, p. 22)

## Conclusão

Podemos dizer que o Apocalipse é o livro da esperança. Ele lança luz, abre novo caminho simbólico para evitar a desintegração cultural e de identidade. A libertação presente no substrato judaico-cristão permanece: a libertação de Israel. A realidade vivida é uma, mas a literatura simbólica rompe tempo e espaço e antevê o futuro.

A literatura assusta nossa mentalidade cartesiana de tempo e espaço. Supomos que aquilo que deveras é futuro “não pode existir ao mesmo tempo no presente. Contudo, no âmbito do pensar mítico, isso não é estranho. Aquilo que é manifestamente diverso e diferente, em um nível mais profundo pode ser idêntico [...]” (Theissen, 2009, p. 45-46).

A “dissonância cognitiva” e emocional pode ser desfeita com a literatura sagrada apocalíptica. Ou melhor, pela sua reinterpretação. É justamente essa dissonância na identidade do ser humano que o leva a buscar novas respostas. Ou podemos dizer que é justamente nesse momento que nasce nele a saída na construção da paz consigo e com o mundo. Ou seja: “[...] estamos diante de um texto mitopoético e, portanto, com a finalidade de esclarecer e reordenar sensações nos leitores” (Ferrer, 1999, p. 71).

## Referências

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2000.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado; elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1989.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa; uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FERRER, Pablo Manuel. A marca da besta. *RIBLA*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 33, p. 69-78, 1999/2.

FRIEDRICH, Nestor Paulo. A besta no Apocalipse: uma descrição. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 74, p. 96-106, 2002.

MESTERS, Carlos; OROFINO Francisco. A violência do Império Romano e a sua influência na vida das comunidades cristãs do fim do primeiro século. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 69, p. 72-82, 2001.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos; uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

Recebido: dezembro 2010

Aprovado: fevereiro 2011